

## A Bioética, Hoje

1. A interrogação preocupada sobre a origem, o fim e o significado total da vida humana é tão antiga como a Humanidade. Esta sempre procurou o apuramento da responsabilidade ética, ou seja, sobre a qualidade moral da vida pessoal, familiar e social, dependente da consciência pessoal de liberdade e de responsabilidade.

O conceito de bem variou ao longo dos tempos: desde a Ideia Suprema de Platão, que seria origem de todos os seres, ou aquilo para que todos os seres relativos se orientem espontaneamente, como opinou Aristóteles, a última instância ou a Perfeição Absoluta, causa e fim de todas as «perfeições» relativas. O que parece mais comum é que o bem identifica-se com o fundamento do valor e dos valores, como objecto ou fim da acção humana, que deveria informar e estimular a «eticidade» da consciência moral para se ir conformando com o ideal, a utopia normativa no pensar, discernir, ponderar, decidir e agir com sabedoria e coerência. A percepção imediata da consciência pessoal, como relativamente autónoma e referida, conduz espontaneamente ao conceito de responsabilidade, à percepção da capacidade de escolha entre opções alternativas, escolhendo e decidindo com o risco do bem ou do mal. O mal moral resulta da consciência de finitude ou contingência, que pode conduzir à experiência conflitual entre «dever» e «apetecer». O mal físico, psicológico e moral aparece, preponderadamente, como a ausência do bem devido a um ser, numa determinada circunstância. A consciência moral deveria pois ser constantemente informada e afinada para confrontar o real e o ideal, para apurar os conceitos de bem e de mal, para se orientar criteriosamente sempre que, informadamente, tiver de optar de modo esclarecido e responsável.

2. Todavia, nas últimas três décadas, a questão da qualidade de vida humana tornou-se uma exigência urgente, com permanente e cuidadoso questionamento e avaliação ponderada. Efectivamente o estudo sistemático dos comportamentos humanos exige especial cuidado e eventual revisão de conceitos, a partir de decifração do ADN, com as consequências das pesquisas nos domínios da biologia molecular, da engenharia genética e respectivas consequências a nível do ser e agir pessoal.

O ADN é constituído por ácido desoxirribonucleico, que é a molécula que transporta o código genético determinante da hereditariedade directa e recessiva ou prevalente. A «engenharia genética» consiste nas possibilidades de «recombinação» dos conteúdos estruturantes do ADN. Efectivamente o código genético humano desenvolve-se de modo indicativo, estruturado, finalístico, sucessivo e contínuo, constituindo as várias fases do genoma humano.

3. A primeira atitude deverá ser de especial atenção e abertura à informação adequada acerca das várias ciências sobre a vida humana, nomeadamen-

te no que diz respeito ao início e fim temporal, assim como às tecnologias que envolve e respectivas condições em que se processa a fecundação: intra ou extra corporal e respectivo desenvolvimento integrado e sucessivo.

E é da experiência controlada que o contexto humano familiar, de vizinhança, escolar e ecológico merecem uma reflexão apurada que leve à correcta formulação de regras éticas e estéticas, visto que também somos marcados pelas circunstâncias envolventes: culturais, éticas, estéticas, religiosas, ecológicas, políticas, etc..

Eventualmente haverá que rever os conceitos e a linguagem, tanto científicos como éticos. É urgente continuar a investigação, de modo crítico e acompanhada de reflexão filosófica e moral ajustadas. A reflexão racional exigente, englobante e coerente é um dever, como opina S. Tomás na S. T. 1 II, 1, 3: «idem sunt actus morales et actus humani». Ou seja: os actos humanos e éticos coincidem e dizem respeito ao modo ajustado a cada pessoa e situação, consoante a respectiva liberdade e responsabilidade.

A elaboração da ética depende da reflexão racional; nesta perspectiva e nesta altura, a bioética consiste no estudo sistemático do comportamento humano nas áreas próprias da ciência da vida e respectivo contexto condicionante da qualidade da vida humana.

4. Tornou-se pois urgente tentar descobrir e apurar o significado total da vida pessoal, familiar e social, desde o início até à conclusão temporal e mesmo para além da morte biológica. E, neste sentido, há que recorrer às ciências, às técnicas, à história, à filosofia e às religiões; o recurso a todas as ciências que têm a ver com a antropologia, directa ou indirectamente, podem auxiliar à percepção do sentido sacral da vida pessoal. As ciências e a tecnologia devem ser lucidamente postas ao serviço da vida humana e à sua qualidade ética, cultural, social e espiritual, auxiliando a pessoa a saber ser e a ser feliz.

A reprodução humana processa-se de modo semelhante aos outros seres vivos, num desenvolvimento contínuo. Efectivamente há uma reprodução contínua das células dos tecidos, exceptuando as células nervosas, que não se renovam.

Para a reprodução humana natural é necessária a fusão de duas células, uma masculina, o espermatozóide com 23 pares de cromossomas — XY — e outra feminina, o óvulo também com 23 pares de cromossomas — XX. O óvulo, a célula sexual feminina, é estruturada por um «núcleo» composto por filamentos microscópicos denominados «cromossomas», coloridos que contêm os caracteres hereditários maternos. Por seu lado o espermatozóide, célula sexual masculina, é a menor das células do nosso organismo; tem uma constituição original — um núcleo e uma cauda em permanente movimento. O núcleo contém os filamentos ou «cromossomas» hereditários do organismo paterno. Da fusão resultará o ovo ou zigoto, com 46 cromossomas identificadores dos seres humanos, com as marcas dos progenitores e que modelarão as semelhanças e a originalidade de cada pessoa a partir das «formas caracterológicas» preexistentes nos dois.

A partir da descoberta do frade Gregório Mendel, são conhecidas as leis de hereditariedade, nomeadamente no que diz respeito à determinação sexual:

do fortuito encontro do X feminino com o X masculino resultará um ser feminino; se o X feminino encontrar aleatoriamente o Y masculino surge um ser masculino, com combinações das características paternas e maternas, incluindo elementos dos respectivos antecessores; todavia é a marca sexual a dar o tom a uma entidade original a nível físico, psicólogo, afectivo, cultural e social.

5. O «embrião» resulta da sucessiva divisão celular: 2, 4, 8, etc., que a partir do sétimo dia, é denominado «mórula» e que se prepara para a nidificação. Conseguida essa fase, termina a possibilidade de autodivisão e as células do embrião organizam-se em três camadas: a «endoderme» interna de que resulta o aparelho digestivo, pulmões e bexiga; a «mesoderme» ou camada média que desenvolve o esqueleto, os músculos, os rins, o coração e vasos sanguíneos; a «ectoderme» ou camada externa que desenvolve o cérebro, a espinal-medula e a parte interna dos olhos, assim como a derme e a epiderme.

Tudo se processa e desenvolve de um modo integrado, finalístico e contínuo. Podemos observar o fenómeno, mas não temos meios técnicos para descortinar e circunscrever a causalidade formal e holística deste processo. Efectivamente a informação dinâmica e o respectivo desenvolvimento estão totalmente contidos no zigoto.

Este novo ser é uma totalidade que apenas necessita dum meio apto para se desenvolver e realizar num tempo e contexto em que construirá a respectiva história. De posse dos dados da hereditariedade parece que, tecnicamente, será possível projectar a identidade humana futura. É um risco que não parece legítimo correr. A manipulação dos genes, as intervenções possíveis só seriam aceitáveis enquanto se tratasse de corrigir defeitos de ordem genética que afectassem os genes ou o embrião.

6. É discutível «quando» se poderá atribuir, com propriedade, ao genoma ou embrião humano o nome de pessoa. A «meta-bioética» parece que só teria vantagens em fundamentar-se na «metafísica», tal como a ordenou S. Tomás na C. G. IV c., onde ensina que a espécie humana deve a sua identidade ao facto de ter mente ou inteligência humana. Efectivamente «nenhuma substância particular é pessoa, mas não só quem tiver a natureza completa da espécie» (S. T. I, 75, 4). Por isso mesmo a alma humana, porque é parte integrante da espécie, não é uma pessoa. Na verdade é essencial a unidade intrínseca do ser humano, enquanto substância composta: «Sed compositum ex hac materia et ac forma habet rationem hypóstasis et personae» (S. T. I, 29, 1 ad 3).

S. Tomás insiste em esclarecer que a alma não é a pessoa mas parte integrante e determinante da espécie e da pessoa humana. A pessoa é uma unidade substancial dos dois princípios: o material, o corpo, e outro intelectual, a alma; e só a permanência estruturada da unidade constitui a pessoa.

7. Há outro princípio a ter em conta, ou seja, «operari sequitur esse». Efectivamente o raciocínio, as escolhas, as opções revelam esta unidade essencial e estruturante da pessoa que tem em si mesma capacidade de escolher, de agir livremente a partir do conhecimento selectivo e a capacidade de ponderar, avaliar e decidir por si e com critérios ponderados. A pessoa não cria o «nomos»,

as regras, mas descobre-se na imanência, enquanto «actus essendi» reflectivo que revela a própria perfeição, unidade e sentido com responsabilidade pessoal (cf. C. G. IV, 44) ou seja a «eticidade».

Ali retoma a fórmula de que «omne individuum rationalis naturae dicitur persona». Assim, a bipolaridade natureza-indivíduo, encontra-se ultrapassada neste modo original de ser a pessoa que se conduz à «auto-nomia», mas que não coincide com a auto-suficiência progressiva.

8. Esta «auto-nomia» radica na sua dignidade pessoal, eventualmente contida basicamente no código genético, único e imutável, mesmos na situação dos verdadeiros gémeos. Mesmo se a sua morfologia é relativamente indecifrada em termos de controlo técnico, tem dinamismo para seguir na auto-afirmação pessoal.

A real potencialidade pertence ao indivíduo de natureza racional e que o identifica e qualifica de pessoa, enquanto sujeito como princípio ontológico de ser que age por si enquanto se orienta para o próprio «nomos», graças ao seu potencial; é de perguntar se este ser energético, com informação para ser agente, não é sujeito de direitos, um autêntico suposto ou pessoa. O código genético contém o ser informado em concretização progressiva a caminho da individualização definitiva e pessoal.

A carga genética de 46 cromossomas não tem em si um «sentido» equívoco ou análogo mas definitivamente orientação ontogenética.

9. Pelo facto de sermos «observadores do fenómeno» e não captarmos a acção do ser, não significa que não existam os dois: o ser e a sua dinâmica de auto-actualização, no tempo e no espaço, da respectiva entidade de pessoa.

Antes de termos um ser biológico perceptível, teríamos pois um ser ontológico pessoal com uma entidade básica e metafísica completa, ou seja, uma «personalidade» a progressivamente aparecer e a afirmar-se visivelmente. Assim, desde que é um ser vivo, estaria «in actu essendi» com a respectiva identidade individual e pessoal.

10. Parece pois possível fundamentar uma metafísica na «entidade unificada» do zigoto, a partir do óvulo e do espermatozóide, que têm objectivamente em si apenas potencialidades. Mas a síntese contém definitivamente uma arquitectura, uma unidade ontológica formal e definida, ainda que transfenomenal relativamente à evidência física actual.

É que o zigoto domina, orienta e coordena o seu próprio processo de se auto-actualizar, afirmar e conformar como pessoa única, com determinadas características de personalidade concreta e diferenciada. Os princípios dinâmicos de ser e de agir, a informação total estão contidos no zigoto.

A matéria, a forma e a figura, potencialidades energéticas, com o esquema arquitectónico da pessoa, as propriedades não estão num caos nem interferem desordenadamente no respectivo desenvolvimento consequente. Isto parece revelar uma identidade organizadora, individualizada e inteligentemente orientada para ser agente e gradualmente situar-se no espaço e num tempo.

Aqui se verificam as três leis fundamentais a partir da própria informação intrínseca e fundamental da perspectiva metafísica de S. Tomás: ontogenética — coordenada, contínua e gradualmente revelada, (cf. S. T. 29, 1 ad 4).

Tem capacidade objectiva natural e potencialidade estruturante, energia apta a desenvolver a própria identidade com as propriedades pessoais e relacionais, no tempo e num espaço, estariam efectivamente no zigoto como um composto com a identidade básica conseguida, distinta de qualquer outros zigoto humano; o desenvolvimento sucessivo e organizado «revela» a forma potencialmente contida na estrutura de ser pessoal com os 46 cromossomas, típicos da espécie humana.

11. A nível do opinável fundamentado parece-nos que é possível concluir que existe uma real individualidade viva desde que se consegue eficaz fusão integrada dos elementos do óvulo e dos espermatozóide, porque dispõe de um centro vital objectivo, capaz de caminhar para desenvolver-se como subjectividade e situar-se relacionando-se, como autonomia, com os outros seres situados. A auto-actividade desenvolve-se segundo um processo definido, a caminho da inteligência, da liberdade e responsabilidade singular. Este processo vital contínuo é «inteligente», está radicado nesse ser vivo diferente, a caminho duma personalidade definitiva, mediante um processo que observamos apenas, primeiro só a nível da dinâmica biológica e, posteriormente, também psicológica e responsável.

Esta gradualidade, a caminho dum todo organizado, revela uma entidade orgânica informada e de modo coordenado, contínuo, gradual e seguro, a partir de um princípio intrínseco (cf. S. T. 29, 1 ad 4) que «sabe» para onde ir e «como» se conduzir correctamente para atingir a concretização do programa constituente da própria estrutura, (cf. S. T. I, 29, 2 ad 5).

Efectivamente o ADN, contido no genoma, dispõe, dum princípio de «coordenação intrínseca». Também é clara a lei da «continuidade» nas diversas fases do desenvolvimento, como princípio perfectivo seguro e actualizador da essência. A lei da «gradualidade» encaminha seguramente o ser humano para a sua diferença específica visibilizada para partilhar a vida relacional. A «singularidade» pessoal, como sujeito humano, exprime-se na unidade sintética da própria diferença aos vários níveis e diversas etapas da história pessoal, manifestando sempre idêntica intencionalidade (cf. S. T. I, 29, 3 ad 2 e 4 ad 4).

O genoma seria já «actus essendi» duma substância singular individual do género humano, capaz de subsistir por si enquanto apto a auto-desenvolver-se, desde que disponha de condições propícias. As potencialidades contidas numa determinada «matéria» passam assim de virtuais a serem concretizadas na linha da racionalidade intrínseca.

Nesta perspectiva o genoma humano disfruta da dignidade «dum subsistente de natureza racional», ou seja, seria uma pessoa, ser autónomo, espiritual, numa fase operativa inicial objectiva e actualizando a racionalidade contida na própria identidade.

BERNARDO DOMINGUES, O. P.

## Bibliografia

### Filosofia

COZZOLI, Mauro - *La Soggettività tra individualismo e personalismo*. Roma: Edizioni Vivere In, 1996. 153 p.

Sob a responsabilidade de Mauro Cozzoli as edições «Vivere In» publicam as nove intervenções feitas num encontro efectuado a 28 e 29 de Abril de 1995 no «Pontifício Seminário Regionali», em Bari.

No contexto duma especialização sobre Antropologia Teológica, reuniram-se competentes na matéria, da respectiva região, para abordarem um tema de inegável actualidade. Os nove autores intervenientes, alguns conhecidos pelas obras publicadas, abordam a temática de modo interdisciplinar e complementar.

Como é da nossa experiência comum, constatamos que no mundo em que vivemos coabitam e frequentemente confundem-se aspectos da «decadência moderna» com a tecnoburocracia do mundo pós-moderno, ainda em busca de identidade. Efectivamente a modernidade tentou impor insensatamente o mito do progresso indefinido e ilimitado da humanidade, a ilustração e o iluminismo propunham como meio suficiente e adequado a educação para todos; as propostas de inspiração marxista tinham como certo que seria possível conseguir a humanidade reconciliada pela socialização integral dos meios de produção, por seu lado as perspectivas liberais e capitalistas ensinavam que o livre jogo de interesses de pessoas e grupos, conduziriam a efectivo progresso, liberdade e felicidade.

A experiência da grande guerra e da guerra fria vieram demonstrar a falta de sadias referências metafísicas. Com a ausência de valores objectivos decaiu-se para o puro subjectivismo e para a perda do sentido da dignidade e da corresponsabilidade ética pessoal e social, como justamente se conclui (cf. p. 52).

O personalismo seria a resposta ajustada e a alternativa pertinente porque cada pessoa, sendo uma e exclusiva, está aberta à relação complementar com os outros e a cultura porque apresenta uma antropologia integrante do ser hu-